

## Dossiê

### A dedicação de um “tempo de qualidade” aos filhos: análise de um enunciado recorrente<sup>1</sup>

Júlia Catani; Ana Laura Godinho Lima

**Resumo.** O texto examina os discursos de pediatras e outros especialistas destinados às famílias sobre como organizar o tempo com os filhos. Inicialmente, a análise incide sobre manuais de puericultura publicados nas décadas de 1920 a 1950 e, em seguida, sobre a revista *Pais & Filhos* nos últimos cinco anos, com destaque para o contexto atual da pandemia da covid-19. A análise detém-se sobre o enunciado segundo o qual o mais importante é reservar um “tempo de qualidade” à convivência com as crianças. O artigo identifica alguns fios de continuidade nas formulações sobre a organização do tempo na rotina familiar, bem como descontinuidades instauradas pelas transformações da vida social, as quais produziram mudanças na gestão do tempo para a conciliação de múltiplas tarefas, principalmente para as mulheres.

**Palavras-chave:** tempo de qualidade; puericultura; maternidade; desenvolvimento infantil; família.

### La dedicación de un “tiempo de calidad” a los hijos: análisis de un enunciado recurrente

**Resumen.** El texto examina los discursos de pediatras y otros especialistas que son dirigidos a las familias sobre la organización del tiempo con sus hijos. Inicialmente, el análisis se basa en los manuales de puericultura publicados en las décadas de 1920 a 1950, posteriormente, en la revista *Pais & Filhos* en los últimos cinco años, destacando el contexto actual de la pandemia de covid-19. El análisis se centra en la afirmación de que lo más importante es reservar tiempo de calidad la convivencia con los niños. El artículo identifica algunos hilos de continuidad en las formulaciones sobre la organización del tiempo en la rutina familiar, así como las discontinuidades establecidas por las transformaciones de la vida social, que produjeron cambios en la gestión del tiempo para la conciliación de múltiples tareas, principalmente para las mujeres.

**Palabras clave:** tiempo de calidad; puericultura; maternidad; desarrollo infantil; familia.

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado do Projeto Temático financiado pela FAPESP “Saberes e práticas em fronteiras: por uma história transnacional da educação (1810-...)” (processo n. 2018/26699-4).

---

\* Psicóloga e psicanalista. Pós-doutoranda pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (bolsista FAPESP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [juliacatani@usp.br](mailto:juliacatani@usp.br)

\*\* Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [alglima@usp.br](mailto:alglima@usp.br)

## The dedication of a “quality time” to children: analysis of a recurring statement

**Abstract.** The text examines the speeches of pediatricians and other specialists aimed at families on how to organize time with their children. Initially, the analysis focuses on childcare manuals published from the 1920s to 1950s, and then on the magazine *Pais & Filhos* in the last five years, highlighting the current context of the covid-19 pandemic. The analysis focuses on the statement that the most important thing is to set aside “quality time” to be with children. The article identifies some threads of continuity in the formulations about the organization of time in the family routine, as well as discontinuities established by the transformations of social life, which produced changes in time management for the conciliation of multiple tasks, especially for women.

**Keywords:** quality time; childcare; maternity; child development; family.

## Dédier du “temps de qualité” aux enfants: une analyse d’un énoncé recourant

**Résumé.** Cet article évalue les discours des pédiatres et d’autres professionnels de la petite enfance destinées aux familles sur comment organiser du temps passé avec les enfants. Initialement, l’analyse se concentre sur les manuels de puériculture publiés entre les années 1920 et 1950, ensuite sur les magazines « Pais e filhos » des derniers cinq ans, mettent en relief le contexte actuel de la pandémie de la covid-19. L’analyse se concentre sur l’énoncé selon lequel le plus important est prends du « temps de qualité » avec les enfants. L’article identifie quelques fils de continuité des formulations a propos de l’organisation du temps dans la routine familiale, ainsi qu’un manque de continuité instauré par les transformations de la vie sociale. Cela a produit des changements dans l’emploi du temps par la conciliation de multiples tâches, principalement par les femmes.

**Mots-clés:** temps de qualité, puériculture, maternité, développement infantile, famille.

O ano de 2020 se inscreveu na história da educação e da saúde pelos efeitos desastrosos da pandemia e do isolamento social que se fez necessário, bem como pelas reações muito diversificadas que esse contexto gerou tanto individualmente quanto coletivamente. Ao se fazer a história deste tempo, deveremos levar em conta as dificuldades novas com as quais a população se defrontou e as tentativas de respostas que foram arquitetadas por todos os segmentos da sociedade: famílias, instituições, instâncias de pesquisa etc. Neste quadro e tanto quanto é possível constatar no momento, as sugestões veiculadas cotidianamente pela mídia e oferecidas aos pais<sup>2</sup> e cuidadores por especialistas em educação e em saúde, acerca de como atender às necessidades das crianças durante esse período, são dignas de atenção. Essas orientações expressam tanto as concepções desses profissionais sobre as crianças e suas necessidades, as mães e suas responsabilidades, quanto a relação de mútua dependência que se estabeleceu entre as famílias e os especialistas da infância desde as primeiras décadas do século XX no Brasil.

Um tipo especial de orientação aos pais foi incrementado e circula por diversos meios de comunicação, incluindo desde prescrições das sociedades científicas (médicas e de pesquisa) até conselhos sistematizados por revistas destinadas às famílias obrigadas a permanecer em casa: trata-se de recomendações que convergem e que se referem à gestão do tempo, às rotinas e à prevenção dos riscos de estresse no âmbito das relações pais e crianças. Exemplos podem

---

<sup>2</sup> A análise do texto faz referência e alusão a maternidade e paternidade para refletir a respeito do problema que aqui se quer discutir. No entanto, reconhece-se que existem mães e pais independentes e que criam seus filhos sozinhos, assim como casais homoafetivos. A opção pela terminologia e a este modelo, tido como tradicional, segue o que a revista *Pais & Filhos*, instrumento de análise, tem como mais habitual ao longo das edições. Ainda assim, faz-se uma observação de que as publicações também tratam destas questões.

ser vistos na revista *Pais & Filhos*, na Nota de Alerta da Sociedade Brasileira de Pediatria e na cartilha produzida pela Fiocruz.

Em março de 2020, a Sociedade Brasileira de Pediatria emitiu uma Nota de Alerta intitulada “Pais e filhos em confinamento durante a pandemia de covid-19”. O documento abrange diversos temas, tais como: as explicações às crianças sobre o contexto atual, a alimentação, os cuidados com as condições de higiene, o gerenciamento do tempo online e das brincadeiras, a participação das crianças nas tarefas de casa etc. Acredita-se que essas condições possibilitam aliviar o estresse diante das adversidades vividas.

Em maio daquele ano, a Fiocruz publicou a cartilha “Crianças na pandemia covid-19”, em função da preocupação com a saúde mental das crianças, sobretudo daquelas que têm demandas específicas – como pessoas com autismo, síndrome de Down, impedimentos corporais e experiências de sofrimentos psíquicos, que são refugiadas, imigrantes ou cuja família vive em situação de vulnerabilidade econômica. Considerando que a interrupção dos tratamentos imposta pelo distanciamento social pode resultar em perdas no desenvolvimento da criança, busca-se encorajar a atuação dos pais, a fim de minimizar os prejuízos motores e os sintomas psicológicos como estresse e necessidade de atenção, ansiedade, depressão etc. O documento destaca ainda a importância da rotina familiar e do acolhimento, indicando que, caso não seja possível atender às necessidades da criança recorrendo aos parentes, deve-se buscar auxílio especializado.

A preocupação em orientar as famílias sobre como organizar o tempo, tendo em vista proporcionar boas condições para o desenvolvimento saudável das crianças, não é novidade nos discursos dos especialistas, mas passou por transformações desde as primeiras décadas do século XX. Naquela época, os cuidados maternos dispensados aos bebês tornaram-se objeto de atenção e intervenção dos médicos higienistas preocupados com as elevadas taxas de mortalidade infantil no país, que atingiam sobretudo as crianças de até dois anos. Em discursos dirigidos às mães por meio de cursos, palestras pelo rádio e manuais de puericultura, os pediatras buscavam ensinar-lhes modos científicos de atender às necessidades de alimentação, higiene e sono de seus filhos, o que incluía uma administração precisa do tempo. Mais tarde, com a divulgação dos conhecimentos da psicologia sobre o desenvolvimento infantil e da psicanálise sobre a importância do vínculo mãe-bebê, passou-se a recomendar mais flexibilidade no cuidado da criança e maior consideração pelos ritmos individuais de crescimento.

A partir de uma análise do discurso de inspiração foucaultiana, apresentamos e examinamos neste artigo uma caracterização dos enunciados recorrentes dirigidos às famílias sobre a organização do tempo. A investigação incide sobre dois momentos importantes para a compreensão das preocupações acerca do tema. Inicialmente, estabelecemos uma breve caracterização dos enunciados sobre a questão em cinco manuais de puericultura publicados entre as décadas de 1930 e 1950, quando o discurso era formulado por pediatras e reiterava-se a recomendação de que era preciso formar bons hábitos e tornar a criança disciplinada desde cedo. Em seguida, o estudo detém-se no discurso contemporâneo a partir da análise da fase mais recente da revista *Pais & Filhos*, com destaque para os seus últimos números, que trazem sugestões para a organização do tempo familiar no contexto da pandemia. Nessa revista, que veicula não apenas o ponto de vista dos pediatras, mas também o de outros especialistas e ainda o das próprias famílias, aconselha-se a busca de um equilíbrio entre as necessidades das crianças e especialmente as das mães, entre a consideração pelos desejos da criança e o estabelecimento de limites à sua satisfação. A solução encontrada parece tornar possível atender às exigências

dos filhos, do trabalho, da vida afetiva e sexual do casal e ainda os cuidados que a mãe-mulher deve dedicar a si própria. Esta solução aparece na forma do enunciado segundo o qual o importante consiste no fato de que os pais, em especial as mães, reservem um “tempo de qualidade” para estar com os filhos. A qualidade desse tempo é mais recomendada do que a quantidade de horas despendidas, como se procurará evidenciar a seguir.

### **Ciência, horário e disciplina no discurso dos médicos puericultores dirigidos às mães**

No Brasil, a saúde das crianças foi objeto da atenção médica pelo menos desde meados do século XIX, como evidenciou José Gondra em sua pesquisa sobre as teses de medicina defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, várias das quais elegeram como objeto de investigação o tema da higiene da primeira infância (Gondra, 2004; Gondra & Garcia, 2004). No entanto, isso não significa que os conhecimentos e a atuação desses médicos tenham alcançado grande influência sobre as práticas de maternagem já naquela época. Ao contrário, predominavam então formas de cuidado enraizadas nos costumes tradicionais alheios ao saber médico.

Tradicionalmente, os cuidados com as puérperas e os recém-nascidos eram prestados pelas mulheres mais experientes, que já haviam criado os seus próprios filhos. Os bebês nasciam em casa, pelas mãos de parteiras e, depois do nascimento, eram as avós, as tias, as comadres ou outras mulheres próximas que se encarregavam de auxiliar e orientar as mães que davam à luz o primeiro filho. Essa assistência tradicional combinava as experiências adquiridas pelas mulheres no trato com os próprios filhos, crenças religiosas e superstições (Priore, 2000).

Nas primeiras décadas do século XX, em busca de reconhecimento e de um espaço para poder exercer a sua profissão, os pediatras precisaram disputar com as mulheres “entendidas” a posição de autoridade a partir da qual poderiam orientar e intervir no parto e na rotina de cuidados com os bebês. Para conquistar a confiança das jovens mães, identificaram-se como representantes do saber moderno, científico e verdadeiro, enquanto ao mesmo tempo desqualificavam os saberes e as práticas tradicionais. Os médicos protagonizaram o movimento higienista e se tornaram aliados do Estado em iniciativas voltadas à formação de uma população forte e sadia. Gradativamente passaram a exercer influência sobre as mulheres, inicialmente as mais instruídas, que sabiam ler e escrever e viviam em meio urbano, recorrendo a estratégias como a divulgação dos conhecimentos da puericultura em revistas femininas e manuais produzidos especialmente com essa finalidade, realizando cursos de puericultura e participando de programas de rádio (Freire, 2008).

A “ideologia maternalista” tomou impulso na Europa após a Primeira Guerra Mundial. Na França, a questão fundamental que se tinha em vista era como ampliar as taxas de natalidade. O movimento feminista maternalista realçou a importância social e política das mulheres que, ao se tornarem mães, encarregavam-se da criação e da educação dos futuros cidadãos da pátria, enquanto ao mesmo tempo afixou a função de mãe à mulher como dever incontornável. A promoção da maternidade científica em solo brasileiro foi diretamente influenciada pelos padrões franceses de sociabilidade e de civilidade. Porém, no Brasil, o problema mais preocupante a ser enfrentado não era o despovoamento e sim as elevadas taxas de mortalidade infantil associadas às péssimas condições sanitárias em que vivia grande parte da população. Essas condições ameaçavam o projeto republicano de constituição de uma nação moderna (Freire, 2008).

Não bastava, portanto, encorajar as mulheres a realizarem a missão para a qual se considerava que elas estavam naturalmente destinadas, era preciso ensiná-las a cumprirem o seu desígnio de maneira apropriada, isto é, seguindo os ditames da ciência. Uma das estratégias adotadas para atingir esse objetivo foi a publicação de manuais de puericultura destinados às mães atuais e futuras, uma amostra dos quais será examinada adiante. A divulgação desses materiais ocorreu paralelamente à realização de cursos de higiene infantil e à criação de instituições destinadas à assistência à primeira infância, dentre as quais destaca-se o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro, fundado pelo médico e filantropo Arthur Moncorvo Filho. Criado em 1899, o Instituto cresceu e 30 anos depois contava com 22 filiais em todo o país, das quais 11 possuíam creche (Kuhlmann Jr., 1998).

O ensino dos preceitos da puericultura apresentava-se como medida estratégica para fazer avançar o conhecimento científico no combate aos costumes tradicionais, para que a influência dos médicos sobre as mulheres jovens pudesse enfim se sobrepor à das “entendidas”. A disputa travada entre os doutores e essas mulheres mais experientes era caracterizada por eles como a luta da ciência moderna e da verdade contra o preconceito e o erro que representavam o atraso, e pode ser identificada nas páginas dos manuais, em passagens como a seguinte, retirada do texto introdutório do *Livro das mãezinhas*, de Wladimir Piza (1939). Dirigindo-se à “mãezinha”, o doutor dizia:

Escolhe entre os conselhos das amigas que, embora com boa intenção, te ensinam o que não sabem porque não estudaram, e as recomendações dos especialistas que passam a vida tratando de crianças, do hospital para o laboratório, e toma o caminho que tua inteligência te indicar.

Mas pensa bem antes! Teu filho será amanhã o prêmio dos teus esforços, ou o castigo de tua desorientação; tudo dependerá do modo pelo qual o criares (Piza, 1939, p. 7).

A elaboração desse pequeno manual, redigido em linguagem simples, de modo a ser compreendido por qualquer pessoa alfabetizada, foi uma iniciativa do Rotary Club de São Paulo. O livro foi publicado pela Seção de Propaganda e Educação Sanitária da Secretaria da Saúde Pública e da Assistência Social de São Paulo para ser distribuído gratuitamente às famílias nos cartórios de Registro Civil no momento em que se apresentassem para registrar o bebê (Piza, 1939, p. 5).

O conteúdo dos manuais de puericultura oferecidos às mães não variava muito. Uma vez que a mortalidade infantil era associada principalmente às deficiências na alimentação, a defesa da amamentação ocupava o centro das preocupações. Os médicos buscavam sempre e em primeiro lugar persuadir as mães de que elas deveriam criar o bebê ao seio. Ao lado dessa questão fundamental, figuravam os outros aspectos relativos à saúde das criancinhas: gestação, preparação da casa e do enxoval para receber o bebê, características do recém-nascido, doenças e vacinas, introdução dos outros alimentos, desenvolvimento, rotina e princípios educativos (Lima, 2007).

O tema da gestão do tempo aparecia nas considerações sobre a vida da gestante e da nutriz, era seriamente tratado a propósito da amamentação, na forma de prescrições relativas ao horário das mamadas e também quando se apresentavam orientações quanto à rotina, incluindo os passeios e o regime de sono, formuladas com o objetivo de garantir a saúde e a disciplina no desenvolvimento e na educação da criança. As considerações a seguir baseiam-se no exame de cinco manuais de puericultura publicados no Brasil entre 1937 e 1968 e incidem especificamente sobre a questão da organização do tempo, tal como foi tratada nessas publicações.

A vida da gestante e da mãe que amamentava foi objeto de considerações do Dr. Martinho da Rocha em *Cartilha das mães* (1939) e *Guia para criar o bebê* (1947). O doutor entendia que nesse período de suas vidas, as mulheres deveriam evitar uma vida social muito intensa, preferindo dedicar-se às ocupações do lar.

Cumpra que seja regular e calma a vida da que espera um filho, em seu benefício, associada a moderados exercícios e trabalhos domésticos, boa alimentação e tranquilidade do espírito obtida por isolamento social transitório, fugindo de emoções e aglomerações, combinado a leituras agradáveis e instrutivas, com participação da solicitude afetiva do marido (Rocha, 1947, p. 20).

A maior parte dos manuais examinados eram enfáticos e defendiam o horário fixo das mamadas, com vistas a alcançar três objetivos considerados fundamentais. Pretendia-se, em primeiro lugar, favorecer o funcionamento regular do organismo, estabelecendo-se períodos certos para a digestão e o repouso. Em seguida, o cumprimento do horário destinava-se a tornar o bebê disciplinado desde o início da vida. Finalmente, pretendia-se liberar a mãe para outras atividades nos intervalos, como os afazeres domésticos. No *Livro das mãezinhas* (Piza, 1939), todos esses aspectos eram relacionados quando se tratava de defender o horário fixo das mamadas:

O intervalo entre as mamadas deve ser regular. O hábito de dar o peito quando a criança chora é, além de incômodo, errado. É indispensável dar tempo para que o estômago digira o leite recebido e se esvazie, antes de receber nova dose de leite; além disso, dando o peito com intervalos regulares, a criança poderá dormir enquanto faz a digestão do alimento recebido e assim descansará, evitando dispersar energias, e dará sossego à mãe.

Quando a criança estiver dormindo na hora em que deve mamar, deverá ser despertada para alimentar-se.

Ao fim de algum tempo está ela perfeitamente habituada ao horário; mama e logo após dorme, para só acordar de novo na hora de mamar. Tornar-se-á disciplinada desde o nascimento e não dará aborrecimentos aos pais; aprenderá desde o berço, que, nesta vida, só se tem o direito de exigir o que nos pertence e nas ocasiões oportunas; e essa disciplina influirá benéficamente no seu sistema nervoso. A criança que não tem horário para alimentar-se, também não o tem para dormir, chora sempre, torna-se triste e enfadonha, e acaba cansando os pais, que pagam assim sua falta de energia e de método (Piza, 1939, p. 14-15).

Como já se mencionou, um dos principais objetivos dos manuais de puericultura era conquistar a adesão das mães à amamentação ao seio. Os médicos consideravam que a instituição do horário regular poderia tornar a vida da mãe menos penosa, na medida em que as dispensaria de passar todo o tempo à disposição do filho. Sendo assim, pensavam que esta rotina contribuiria para que as mães perseverassem na amamentação. Houve, porém, quem relativizasse a norma. Em *Como proteger seu filho*, Waldemar Lages (1955) referia-se ao horário regular das mamadas, admitindo ao mesmo tempo a possibilidade do “horário livre”, incluindo as mamadas durante a madrugada, às quais os pediatras que publicaram seus compêndios nas décadas de 1930 e 1940 apresentavam severas restrições.

Para além da alimentação, os médicos recomendavam que as mães também estabelecessem uma rotina para os passeios, o banho e o sono da criança. O compêndio *Prepara teu filho para a vida*, de Odilon de Andrade Filho (1947), é, entre os que foram examinados, aquele que mais se detém sobre a questão do sono. O autor considerava que o tema merecia atenção tendo em vista a agitação vivida nas cidades àquela época, quando, em suas palavras: “Os veículos de transporte, o rádio, a intensidade dos ruídos dos automóveis, das campainhas e do atrito dos

bondes, dos pregões dos vendedores, dos motores de aviões, tudo tende a nos manter despertos” (Andrade Filho, 1947, p. 84). Ponderava que um bom hábito de sono desde a infância protegia o indivíduo de riscos associados à insuficiência de repouso no futuro, dentre os quais o de se chegar a um esgotamento nervoso. Acrescentava que a necessidade de sono variava com a faixa etária, decrescendo com a idade. Recomendava que as crianças fossem dormir cedo, de modo a despertarem cedo espontaneamente, o que seria uma vantagem quando chegasse o momento de passarem a frequentar a escola. Além disso, considerava bom que as crianças fossem se deitar cedo para que seus pais pudessem se dedicar a distrações próprias dos adultos. No entanto, antes de pôr as crianças para dormir, o doutor aconselhava os pais a brincarem com seus filhos, antecipando de certa forma o que posteriormente seria valorizado como a dedicação de um “tempo de qualidade” para estar com as crianças:

É conveniente, entretanto, que os pais dediquem algum tempo depois das refeições, antes dos filhos irem dormir, para brincar com eles. É essa, em geral, a única hora que têm para isso, porque os seus afazeres os mantêm afastados de casa durante o dia. Esses momentos são úteis para criar e manter as relações indispensáveis entre pais e filhos. Esses brinquedos devem ser calmos. Brincadeiras barulhentas e agitadas, que excitam a criança, perturbarão a placidez de seu sono (Andrade Filho, 1947, p. 88).

### **Em busca de um “tempo de qualidade” com as crianças e de tempo para atender a outras demandas**

Conforme apresentado anteriormente, a organização do tempo na educação e nos cuidados com os filhos têm sido há décadas tema de livros que, sob a forma de manuais, procuravam transmitir conhecimentos científicos de modo acessível para o público leigo, em especial as mães e as professoras. Aos manuais de puericultura foram se somando, ao longo do tempo, as revistas de grande circulação que se propuseram os mesmos objetivos e ainda o de proporcionar entretenimento. Ao aproximarem-se dos manuais, elas trazem dados científicos a fim de respaldar e legitimar o seu conteúdo, mas também procuram incorporar os saberes derivados da experiência das famílias em sua convivência com os filhos. Assim como os manuais, pretendem traduzir os conhecimentos especializados em linguagem acessível às leitoras e, no caso das revistas atuais, preocupam-se em dar voz às famílias e proporcionar uma leitura leve, agradável.

*Pais & Filhos*<sup>3</sup> é uma revista brasileira de ampla divulgação publicada pela primeira vez em 1968 e pioneira em seu gênero, mantida desde 2003 pela Manchete Editora. A partir de 2015, passou a contar também com uma plataforma digital. O magazine trata de problemas relativos à família e à gravidez (independentemente da modalidade, se tradicional, reprodução assistida ou adoção) e traz reportagens com pais e crianças de até 12 anos de idade. O subtítulo “Juntos é possível formar famílias mais felizes” já evidencia o público-alvo. A escolha do periódico justifica-se por ser ele hoje uma referência bem estabelecida para os pais que querem acompanhar opiniões de especialistas e estudos atuais quanto à escola, recomendações biológicas, psicológicas e ambientais, a fim de garantir um meio propício para o amadurecimento dos bebês e das crianças. Além disso, resalta a importância dos familiares, parentes, médicos, especialistas, professores, amigos etc., que possam contribuir para a formação em cada etapa da vida.

---

3 Agradecemos a viabilização do acesso às edições da revista e a pronta disponibilidade de Adriana Cury e Natalia Ciancio.

Em quase todas as seções, colunas e textos de *Pais & Filhos* há, ao menos, um depoimento dos pais. Os produtores da revista buscam garantir a validade das informações tanto a partir de estudos técnicos e dados estatísticos quanto de conhecimentos transmitidos por meio das experiências vividas pelas famílias para que o público possa, ao ler, identificar-se com os exemplos e as questões tratadas.

Em um levantamento das publicações realizadas no meio acadêmico sobre o periódico e que auxiliam na compreensão histórica do seu ciclo de vida, foram selecionados 12 artigos científicos e quatro trabalhos entre teses e dissertações de 2007 a 2019. A bibliografia sugere que o subtítulo da revista foi alterado ao longo do tempo. Entre 1968 e 1977, foi identificado como “A revista mensal da família moderna”. De acordo com Maria Collier de Mendonça (2014), em um estudo sobre a revista, esta manteve-se fiel à ideia de que “ninguém educa sozinho” e que “a família é tudo”, sendo preciso sempre compartilhar experiências. Tais ideias permeiam a proposta da publicação no decorrer do tempo. Deve-se ressaltar também as contribuições de outras autoras que analisaram questões específicas na história do periódico, como Maria Simone Vione Schwengber, que publicou artigos sobre os discursos acerca do corpo feminino e da maternidade (Schwengber, 2007, 2012) e outros em coautoria com Dagmar Estermann Meyer (Schwengber & Meyes, 2011) e com Denise Raquel Rohr (Schwengber & Rohr, 2015), além da produção de Liana Pereira Borda dos Santos (2019), que explora em detalhes a *Pais & Filhos*, o contexto em que esta foi fundada, a sua relevância e os seus bastidores.

No exame da revista, observou-se a recorrência de um enunciado referente ao “tempo de qualidade” dos pais junto aos filhos. Foi possível perceber ainda que as propostas e sugestões presentes com maior ou menor evidência ao longo dos 63 exemplares examinados entre maio de 2015 e agosto de 2020 intensificaram-se no contexto da pandemia, a partir da edição de março de 2020.

A inexperiência de jovens pais no início da relação com a criança, principalmente até os 6 meses, leva o magazine a privilegiar alertas e indicadores para caso de necessidade de encaminhamento da criança a profissionais. Os estágios do desenvolvimento consistem em pauta frequente: expectativas em relação a cada idade são mostradas como construções de verdades. Os especialistas e os jornalistas admitem em seu discurso que é preciso uma certa relativização, pois cada criança tem suas particularidades e merece ser respeitada. Reconhece-se que a criação é um processo complexo e que ter paciência é fundamental para o progresso do bebê. Expõem-se as doenças, infecções e características próprias relativas às diversas fases do crescimento com a finalidade de informar os pais dos cuidados e atenção especial, mas, ao mesmo tempo, para tranquilizá-los. Sustenta-se que os estímulos oferecidos às crianças devem ocorrer desde cedo, de preferência na barriga, o que pode contribuir para um futuro mais saudável. No que se refere às dificuldades em se criar os filhos e aos papéis que cada um possa assumir neste cuidado (que envolvem disponibilidade física e psíquica), aparecem questões relativas ao que representa ser mãe e ser pai no imaginário social e para cada um individualmente.

Na revista *Pais & Filhos*, o tempo e a sua qualidade aparecem tratados considerando a questão desde os primeiros sintomas e do momento da descoberta da gravidez. O tempo como questão também aparece para fazer referência ao momento ideal para a mulher engravidar. No passado, a idade impunha-se como limite bem mais cedo (tempo fértil e expectativas de vida menores, doenças mais frequentes e falta de medicamentos). O quadro mudou pelo avanço de estudos sobre reprodução humana e novas tecnologias. A reportagem “Gravidez: cada uma tem

sua hora certa” (2020) explora as condições físicas, psíquicas e financeiras dos 20 aos 50 anos, apontando para os benefícios e limitações de cada uma dessas décadas. Se quando mais jovem o corpo e a energia da mulher encontram-se mais favoráveis à reprodução, em contrapartida, a maturidade ou as condições financeiras para prover uma criança e os cuidados podem ser menores.

Na matéria “Proibido para crianças” (2020), ressalta-se que a chegada de um bebê produz uma redução de tempo e investimento inevitáveis na relação do casal. De início, a exigência de tempo praticamente é integral mas, com o passar dos anos, mesmo com a criança se desenvolvendo, as demandas continuam volumosas. É fundamental para a construção de uma relação saudável entre o casal os períodos sozinhos e as atividades de lazer que não se refiram aos filhos e ao sexo, mas a períodos de intimidade. A construção de limites é algo que precisa ser feito, e isto requer a incorporação de regras na vida da criança e a consciência de que existem coisas que ela não pode obter a todo instante – como a atenção dos pais –, pois ela deve compreender que há tempo para tudo e que é preciso esperar.

Ao tratar da necessidade de estabelecer um limite, o discurso da revista recorre à teoria psicanalítica. Na ótica de preparar as crianças para o mundo, Freud (1920) postula o *fort-da*, um jogo de carretel para explicar o movimento de presença e ausência da mãe. Essa brincadeira reproduz o processo de dedicação exclusiva da mãe no primeiro instante de vida do bebê e que aos poucos diminui – o carretel seria uma alusão e elaboração deste distanciamento. As observações de Luís Cláudio Figueiredo (2012) lembram a necessidade do equilíbrio dinâmico a ser garantido pelos pais, sobretudo pela mãe: uma “presença reservada” capaz de oferecer suporte à criança para ela saber que não está só e que há quem zele por ela, mas também para que ela tenha momentos de solidão de modo a poder fantasiar, construir um espaço de subjetividade e de existência.

O tempo de proximidade e de afastamento é muito mais subjetivo do que concreto. Não se refere a um tempo cronológico marcado no relógio, mas é o tempo que pode existir para que não existam sentimentos e sensações hostis. Essa discussão prepara a emergência do enunciado segundo o qual o que vale é a qualidade de convivência. As dificuldades e os obstáculos que aparecem no cotidiano e na criação das crianças são perfeitamente esperados, e “é importante ter em mente que qualidade é mais importante que quantidade. Então, talvez o tempo que vocês passem juntos seja suficiente” (Arrepiá, 2019, p. 26). Ou seja, o que vale é a dedicação, a atenção e o afeto oferecidos naquele momento e não propriamente o número de horas. Acentua que a possibilidade de desenvolver interesse e desejo por outras coisas permite que os pais estejam mais contentes e disponíveis para a relação, cheios de afetos positivos e com saudade, quando reencontram os filhos.

A coluna “Eles falaram” (criada em setembro de 2018) recupera informações importantes das respostas dos especialistas aos leitores no *Facebook*, ao longo do mês sobre questões variadas. O tempo comparece de inúmeras formas. A psicóloga, arte-educadora e arteterapeuta Bianca Solléro (2019) insiste na necessidade de estimular a curiosidade infantil desde cedo, para desenvolver faculdades para a vida, como a imaginação, a coragem e a persistência; mas pondera que, embora a estimulação seja importante, também é preciso permitir que os filhos tenham um tempo de ócio, que favorece a criatividade e a integração das informações adquiridas. A jornalista Carolina Porne cita a neuropediatra Karina Weinmann, para quem o brincar aguça as habilidades motoras, executivas e o desenvolvimento dos lobos frontais responsáveis pelo controle comportamental e cognitivo (Porne, 2017, p. 52).

O sentimento de culpa associado à sensação da falta de tempo é considerado comum a quase todas as mães, e os autores e editores da revista mostram-se atentos a isso. Conforme apontado por Winnicott (1956), a chegada de um bebê é o momento de elaboração da própria história e de expectativas em relação à educação da criança. Mas, segundo o psicanalista, é preciso reconhecer que, independentemente do quanto se faça, de modo geral a sensação será de insuficiência. Se, por um lado, o sentimento de culpa pode ser aliado na atenção materna, pode também produzir efeitos indesejáveis, como a frustração. A revista busca contribuir para amenizar a culpa e transmitir à mãe a ideia de que a dedicação exclusiva ao bebê pode resultar em sensações negativas para ela e para o bebê, daí a recomendação para as mães realizarem outras atividades além de cuidar dos filhos.

A coluna “Mamãe também é gente” (criada em 2003) lembra a importância do autocuidado e da reserva de um tempo para si. Mês a mês aparecem sugestões de atividades que as mulheres podem realizar: escutar música, dançar, correr, sair com as amigas, meditar, tomar um drink para relaxar, namorar, maquiarse, presentear-se, ler um livro, dormir, tirar um tempo para si, tomar um banho mais demorado etc. Em uma linguagem direta, a coluna lembra que reservar momentos de entretenimento ou cuidado pessoal pode ser fundamental inclusive para os filhos, pois garantirá paciência, atenção e bom humor nos instantes vividos juntos. De modo bem-humorado e com perguntas e conselhos diretivos, insiste-se que a dificuldade quanto ao tempo existe e que é preciso criar hábitos e transformar a rotina, buscando-se o equilíbrio na distribuição do tempo entre o atendimento às necessidades do bebê e outras demandas, inclusive o autocuidado da mãe.

Ainda sobre a dedicação aos filhos, tendo em vista o atendimento de suas necessidades e a constituição do vínculo entre a criança e seus genitores, a edição de fevereiro de 2020 conta com a colaboração das fundadoras do projeto “Tempojuntos”, Patrícia Marinho e Patrícia Camargo. Marinho reforça uma rotina equilibrada entre as obrigações e o momento lúdico. Ela alerta: “não é quantidade de tempo o importante, é qualidade” (Camargo & Marinho, 2020a, p. 25). Pensando em qualidade, sugere que é fundamental no instante da brincadeira deixar o celular de lado para que diferentes estímulos possam ser convocados na situação e garantam um crescimento saudável. A tela do celular faz com que se perca a dimensão do tempo e se produza no sujeito uma certa impaciência. Dr. Claudio Len (2017, p. 20), pediatra e consultor, em sua coluna, desde 2015, afirma que a Academia Americana de Pediatria orienta que crianças com até dois anos de idade não devem ter nenhuma exposição ou contato com telas. Na mesma perspectiva, Gabriel Márcio Vassallo, escritor e jornalista, sugere que os celulares impedem as crianças e os adultos de terem contato consigo mesmos e com o outro e dificultam a percepção ao redor, ou seja, reduzem sensações como “encantamento, estranheza, sonho” (Vassallo, 2019, p. 30).

Desconectar-se das telas para passar um momento junto e em família, reservar um instante para si mesmo ou dormir é fundamental. A reportagem de Sarah Mahoney (2020), intitulada “Dormir é vida!”, alerta para relações entre sono e saúde. Cada etapa do desenvolvimento apresenta um tipo de necessidade de descanso que convém ser respeitada. Dormir configura-se como tempo de relaxamento e o organismo continua funcionando para filtrar as toxinas. O dormir previne do risco de diabetes, sobrepeso, problemas de aprendizado e de atenção, ajuda o coração, auxilia no crescimento, reduz riscos de lesões e garante imunidade, permite tanto poupar energia como produzir sonhos. Entre outras coisas, vale lembrar que o sonho serve como um instante de realização dos desejos que não puderam ser satisfeitos quando acordado: uma forma que o psiquismo encontra de proporcionar prazer, metabolizando as frustrações (Freud,

1900/1999). A realidade e a ficção na vida das crianças misturam-se, e o sonho das crianças deve desde cedo ser estimulado a fim de favorecer o desenvolvimento e auxiliar o processo de elaboração de situações complexas.

### **A qualidade do tempo e o “tempo de qualidade” na quarentena: desafios e impactos**

Procurando manter os pais atualizados quanto às questões presentes na vida social, a revista *Pais & Filhos* dedicou bastante atenção ao contexto da pandemia entre março e agosto de 2020. Pode-se observar, nos textos e reportagens, o reconhecimento do papel central do tempo na estruturação de práticas de cuidado. Se, desde há muito, a presença de filhos altera e exige reordenações do tempo dos pais, esta constatação ganha força nas situações de impacto que passam a exigir o enfrentamento de novas exigências. Entre os desafios que a pandemia trouxe, está a questão dos pais lidarem com o *home office* e o *homeschooling* – termos já incorporados ao discurso dos brasileiros como objetos de controvérsia e que se tornaram realidade neste momento. O modelo passou a ser visto como forma de segurança sanitária e perspectiva de baratear custos.

Na coluna “Ela diz, ele diz”, Marcos Piangers (Cardoso & Piangers, 2020) contesta a ideia de que é possível fazer adoções como estas de *homeschooling* e *home office* sem pensar nos efeitos. Apesar dos esforços dos pais para uma adaptação à nova realidade, trata-se de um processo de transição que exige ponderação, pois não se trata de equivaler o ensino a distância com o ensino formal nas salas de aulas. Ana Cardoso (Cardoso & Piangers, 2020), jornalista e socióloga, reconhece que os esforços de conciliar as tarefas em casa, o trabalho e os estudos dos filhos, hoje, são excessivos. A pressão torna-se ainda maior com crianças menores que não conseguem manter a concentração por períodos prolongados e demandam maior movimentação. Dificilmente os professores conseguem propor atividades a distância nesses casos, e por parte dos pais prevalece também a dificuldade de manter as crianças sentadas e focadas, observando a tela.

A respeito da quarentena, Tais Bento e Roberta Bento (2020) recomendam que uma estratégia para conciliar o trabalho e os estudos de modo mais leve, mesmo diante dos desafios, é que os pais estabeleçam conexões com os filhos nos pequenos intervalos disponíveis. Oferecer atenção e palavras positivas faz com que eles tenham mais autonomia e demandem menos dos responsáveis, por saberem justamente que, caso precisem, é possível recorrer a um dos dois. Recomenda-se que manter a rotina, explicar o que está acontecendo e criar combinados também são ações que ajudam o filho a se sentir mais confiante.

Se as questões relativas à criação e à educação demandam reflexões próprias, a exigência de criatividade nos dias atuais torna-se ainda maior. Entre as demandas de cuidado da prole e de trabalho, a manutenção do equilíbrio e a gestão do tempo tornam-se complexas (Solléro, 2020, p. 20). É preciso esclarecer as crianças sobre o que está acontecendo. A depender da idade dos filhos, a adaptação da linguagem deve ser maior ou menor, mas há cartilhas com explicações bem didáticas a respeito do vírus, dicas de brincadeiras em *sites* e conteúdos feitos por organizações como o *podcast* do Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

Na coluna “Eles falaram”, Daniella Freixo (2020) partilha a experiência que teve com sua família e também assegura a necessidade de se manter uma rotina, mas lembra que esta deve respeitar uma certa flexibilidade, pois regras em excesso podem ocasionar tensões e conflitos.

Na pandemia, surgem desafios diante dos quais os pais podem admitir que não sabem tudo. Freixo (2020) insiste que é preciso que a família esteja aberta às descobertas e às alegrias que possam viver no dia a dia, ajudando-se mutuamente e independentemente da idade. A necessidade do distanciamento social fez com que os valores fossem revisitados e aumentasse o cuidado entre parentes e amigos, mesmo que a distância. Ainda assim, de acordo com as educadoras e fundadoras da organização não governamental SOS Educação, Taís Bento e Roberta Bento (2020), a falta de contato social interfere e pode produzir impacto no cérebro dos infantes, por isso é importante que os pais garantam contato com os colegas.

A fim de manter a rotina organizada, Patrícia Camargo e Patrícia Marinho (2020b) recomendam que a criança seja estimulada a cumprir as tarefas, por exemplo na hora de arrumar a cama e guardar os próprios brinquedos. Os adultos também têm outras atividades e trabalhos; portanto, não precisam se sentir culpados por não estarem o tempo todo elaborando brincadeiras. Segundo as educadoras, as crianças são capazes de brincar com tudo, e o ócio traz benefícios para a criatividade. Ensinam ainda que, a partir dos dois anos, elas já possuem autonomia para brincarem sozinhas; assim, cabe apenas disponibilizar o espaço da diversão. O importante é fazer com que as fantasias possam acontecer. A sugestão converge com a ideia de que as fantasias fortalecem tanto a imaginação quanto a disposição para a vida e a invenção de maneiras de viver.

## **Considerações finais**

Os discursos da revista *Pais & Filhos* cruzam constantemente o espaço das ciências e o dos saberes das famílias, mais aproximado do senso comum, para oferecerem conselhos à maneira dos livros de autoajuda. Assim, tanto se aproximam quanto se afastam dos discursos dos manuais de puericultura examinados, os quais, embora também busquem ajudar, procuram ater-se às recomendações cientificamente validadas.

São muitos os fios de continuidade que ligam os discursos de orientação e prescrições destinados aos pais desde os antigos manuais aqui referidos aos discursos das revistas e outros veículos que têm se multiplicado em nossos dias com objetivos semelhantes. O tema da organização do tempo é decerto um desses fios, mesmo que as orientações tenham se transformado. Pode-se atribuir essas transformações às mudanças nos discursos sobre o desenvolvimento infantil, que passaram a incorporar de maneira mais evidente os conhecimentos da psicologia genética e da psicanálise e passaram a valorizar a escuta das mães e da própria criança. Também contribuíram para a mudança das orientações as alterações nas condições de vida das famílias, ocasionadas, entre outros fatores, pela intensificação da participação das mulheres no mercado de trabalho e pelo avanço das novas tecnologias e seus efeitos na produção e veiculação das informações e nas formas de entretenimento.

No que se refere à gestão do tempo nos discursos examinados, a análise realizada evidenciou que, nos manuais de puericultura redigidos pelos pediatras, enfatizava-se a necessidade de organizar a rotina tendo em vista a formação de bons hábitos e o disciplinamento da criança, de modo a favorecer não apenas o seu próprio desenvolvimento, mas também a conveniência da mãe que, uma vez tendo atendido às necessidades do filho, poderia dedicar-se aos próprios afazeres.

No discurso mais recente da revista *Pais & Filhos*, o problema do tempo se desdobra em diversas questões. É preciso aproveitar o tempo para estimular a criança e, desse modo, otimizar

o seu desenvolvimento. Um enunciado central relativo à organização do tempo familiar, como se procurou evidenciar, estabelece que é preciso dedicar um “tempo de qualidade” à convivência com as crianças, pois a qualidade é mais importante do que a quantidade de tempo que se dedica aos filhos. Embora as crianças demandem sempre muita atenção dos pais, em especial da mãe, afirma-se que é preciso impor limites às solicitações dos filhos, o que se relaciona ao tema psicanalítico da alternância entre presença e ausência da mãe como condição para o desenvolvimento saudável da criança.

A ideia de que é preciso impor limites às demandas das crianças e de que o mais importante não é a quantidade do tempo, mas a qualidade do momento compartilhado, associa-se ainda ao reconhecimento de que as mães muitas vezes também trabalham e, além disso, devem reservar em suas rotinas períodos para cuidar de si próprias e ainda encontrar algum tempo para a vida do casal, à parte do tempo passado com as crianças, de modo a manter saudável a relação entre os cônjuges. O efeito do reconhecimento de todas essas necessidades específicas a serem atendidas acaba sendo o parcelamento do tempo e a exigência de se tornar cada vez mais hábil na sua gestão. Essa habilidade parece ter se tornado ainda mais premente no contexto do isolamento social imposto no ano de 2020 pela pandemia da covid-19: tornou-se necessário imaginar maneiras de alternar a presença e ausência da mãe em contato próximo com os filhos, todos confinados no mesmo espaço doméstico, sem a possibilidade de recorrer à escola ou às avós e avôs. É preciso considerar que mais dramática ainda se apresenta a situação das famílias de classes populares, que não puderam evitar a exposição ao vírus e aderir ao isolamento social, enquanto ao mesmo tempo precisam providenciar cuidados às crianças na ausência das creches. Diante do exposto, cabe indagar se é humanamente possível atender às recomendações veiculadas pelos especialistas relacionadas à gestão do tempo e quais os efeitos dessas recomendações nas expectativas de desempenho que pesam sobre as mães, que permanecem sendo as grandes responsáveis pelo funcionamento da vida familiar. Em síntese, parece razoável pensar que a ideia de qualidade do tempo nas formulações atuais carrega sentidos onerosos para a organização da vida doméstica. Da maneira como aparece nos vários materiais examinados, essa qualidade expressa-se em propostas que garantem e evidenciam dedicação plena, sem interrupções, ainda que seja por períodos curtos, e que contam com o empenho dos pais em inventar atividades envolventes e com a criação de proximidades afetivas.

## Referências

- Andrade Filho, O. de. (1947). *Prepara teu filho para a vida: educação psicológica da criança*. São Paulo: José Olympio.
- Arrepiá, R. (2019, outubro). Eles falaram: Respira e vai! *Pais & Filhos: Juntos é possível formar famílias mais felizes*. São Paulo: Manchete Editora, 595 (51), p.26.
- Bento, T., Bento, R. (2020, maio). Eles falaram: Estudos e a quarentena. *Pais & Filhos: Juntos é possível formar famílias mais felizes*. São Paulo: Manchete Editora, 602 (51), p.20.
- Camargo, P., & Marinho, P. (2020a). Eles falaram: Hora de brincar. *Pais & Filhos: Juntos é possível formar famílias mais felizes*. São Paulo: Manchete Editora, 599 (51), p. 24.
- Camargo, P., & Marinho, P. (2020b). Eles falaram: Brincar é tudo de bom. *Pais & Filhos: Juntos é possível formar famílias mais felizes*. São Paulo: Manchete editora, 604 (51), p. 21.

- Cardoso A., & Piangers, M. (2020). Ela diz, ele diz. *Pais & Filhos: Juntos é possível formar famílias mais felizes*. São Paulo: Manchete Editora, 604 (51), pp.16-17.
- Freire, M. M. de L. (2008). “Ser mãe é uma ciência”: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *História, Ciências, Saúde & Manguinhos*. Rio de Janeiro, 15 (Suppl.), 153-171. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000500008>
- Freixo, D. (2020, julho). Eles falaram: Aprendi com meu filho. *Pais & Filhos: Juntos é possível formar famílias mais felizes*. São Paulo: Manchete Editora, 604 (51), p.21.
- Freud, S. (1999). *A interpretação dos sonhos: 100 anos – edição comemorativa*. (W. De I. Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2006). Além do Princípio do Prazer. In L. A. Hanns (Org.). *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. v. 2. (L. A. Hanns, trad., v. 2, pp. 135-136). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Figueiredo, L. C. (2012). A metapsicologia do cuidado. In *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo, SP: Escuta.
- Fiocruz (2020). Crianças na pandemia covid-19. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19 – Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Ministério da Saúde, 2020. Recuperado de: [https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%cc%a7as\\_pandemia.pdf](https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%cc%a7as_pandemia.pdf).
- Gravidez: cada uma tem sua hora certa (2020). *Pais & Filhos: Juntos é possível formar famílias mais felizes*. São Paulo: Manchete Editora, 602 (51), pp. 44-47.
- Gondra, J. G. (2004). *Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. UERJ.
- Gondra, J. G.; Garcia, I. (2004, mai/ago.). A arte de endurecer miolos moles e cérebros brandos: racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação* (26), 69-84. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000200006>
- Kuhlmann Jr., M. (1998). *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação.
- Lages, W. (1955). *Como proteger seu filho: problemas de maior frequência na assistência à infância*. Rio de Janeiro: Instituto de Resseguros do Brasil.
- Len, C. (2017, julho). Dr. Claudio responde. *Pais & Filhos: Juntos é possível formar famílias mais felizes*. São Paulo: Manchete Editora, 568 (48), p. 20.
- Lima, A. L. G. Maternidade higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 47, p. 95-122, 2007. Editora UFPR. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/his.v47i0.12112>
- Mahoney, S. (2020, abril). Saúde: Dormir é vida! *Pais & Filhos: Juntos é possível formar famílias mais felizes*. São Paulo: Manchete Editora, 601 (51), pp. 47-51.
- Mendonça, M. C. de (2014). *A maternidade na publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto*. (Tese de Doutorado, Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica). Recuperado de <https://tede2.pucsp.br/>
- Piza, W. (1939). *O livro das mãezinhas*. São Paulo: Departamento de Saúde do Estado & Seção de Propaganda e Educação Sanitária.
- Porne, C. (2017, julho). Comportamento: Dê um pause. *Pais & Filhos: Juntos é possível formar famílias mais felizes*. São Paulo: Manchete Editora, 568 (48), pp. 48-53.

- Priore, M. del. (2000). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Proibido para crianças* (2020). *Pais & Filhos*: Juntos é possível formar famílias mais felizes. São Paulo: Manchete Editora, 605 (51), pp. 52-55.
- Rocha, M. da (1939). *Cartilha das mães*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Rocha, M. da. (1947). *Guia para criar o bebê*: puericultura elementar. Rio de Janeiro: Zelio Valverde.
- Santos, L. P. B. dos. (2019). “Mais que uma revista, um dicionário para os pais”: a revista *Pais & Filhos* e a imprensa transnacional para a família. *Revista Brasileira de História da Educação*, 19, e079. doi: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e079>
- Schwengber, M. S. V. (2007). Distinções e articulações entre corpos femininos e corpos grávidos na *Pais & Filhos*. *História: Questões & Debates*, 47(2), 123-138. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/his.v47i0.12113>
- Schwengber, M. S. V. (2012). Mãe moderna: esportiva e forte. *Cad. CEDES*, Campinas, 32 (87), 165-176. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000200003>
- Schwengber, M. S. V., & Meyer, D. E. (2011). Discursos que (con)formam corpos grávidos: da medicina à educação física. *Cadernos Pagu*, (36), 283-314. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000100011>
- Schwengber, M. S. V., & Rohr, D. R. (2015). Imagens de uma Nova Economia Identitária dos corpos grávidos. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 40(3), 899-921. doi: <https://doi.org/10.1590/2175-623644756>
- Sociedade Brasileira de Pediatria (2020). Departamentos Científicos. Pais e filhos em confinamento durante a pandemia de COVID-19. 26.03.2020. Recuperado de: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/pais-e-filhos-em-confinamento-durante-a-pandemia-de-covid-19/>
- Solléro, B. (2019, julho). Eles falaram: Eureka! *Pais & Filhos*: Juntos é possível formar famílias mais felizes. São Paulo: Manchete Editora, 592 (50), p. 30.
- Solléro, B. (2020, abril). Eles falaram: Criatividade na infância. *Pais & Filhos*: Juntos é possível formar famílias mais felizes. São Paulo: Manchete Editora, 601 (51), p. 20.
- Vassallo, G. M. (2019, janeiro). Eles falaram: Mundo da fantasia. *Pais & Filhos*: Juntos é possível formar famílias mais felizes. São Paulo: Manchete Editora, 586 (50), p. 30.
- Winnicott, D. W. (2000). Pediatria e neurose da infância. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*: obras escolhidas (pp. 417-423). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original publicado em 1956).

**Revisão gramatical:** Raphaela Comisso  
**E-mail:** [raphaela.comisso@gmail.com](mailto:raphaela.comisso@gmail.com)

Recebido em novembro de 2020 – Aceito em agosto de 2021.